

AFRICANOS ESCOLHEM O BRASIL COMO DESTINO DE SUAS IMIGRAÇÕES. BRASILEIROS EMIGRAM EM MASSA PARA A IRLANDA: Fluxos e Contrafluxos dos Processos Migratórios

Silmara Cosme Cravo

1. INTRODUÇÃO

Para iniciar nossa reflexão, faremos nossas as palavras de Heidemann.

Estamos vivendo em um mundo repleto de migrantes e refugiados, numa atmosfera de precariedade e cinismo, oportunismo e medo. (...): vão dos angolanos na Vila São João, no Rio de Janeiro, (...) aos numerosos “sem papeis” em toda a Comunidade Europeia. Os dados a respeito da emigração brasileira mostram que a cada ano 100 mil brasileiros são expelidos para o exterior por falta de mercado de trabalho e de horizontes. Já seriam 2 milhões vivendo fora, número (...), sabidamente, subestimado”¹.

O presente trabalho procura demonstrar a importância atribuída, hoje, aos fluxos migratórios ao redor do mundo. Será um tema analisado sob o ponto de vista de uma série de conceitos caros à geografia.

Foi inspiração para escrevê-lo o fato de termos cursado, na graduação, em 2017, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH USP – a disciplina FLG 0115 – Migrações e Trabalho, cujo trabalho de campo foi realizado no Museu do Imigrante. Na ocasião, tivemos a oportunidade de estar junto a imigrantes vindos da Mauritânia, Congo, Mali; mas também de Angola e de tantas outras partes do mundo. Isso tudo explica o nosso interesse pelo tema migração, mormente em relação aos imigrantes de origem africana.

2. IMPORTÂNCIA E JUSTIFICATIVA DO TEMA; METODOLOGIA

Nos anos 80 do século passado, houve uma corrida para formação de blocos econômicos. Hoje, ao menos um dos blocos econômicos já registra evasão de país, dentre aqueles países que dele faziam parte. Veja-se a União Europeia outrora integrada por 28 países membros e que desde 2017 conta com 27 deles. A razão da diminuição de 28 para 27 membros é devida

¹ HEIDEMANN, Dieter. **Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho:** humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Migrações: discriminações e alternativas. São Paulo: Paulinas/SPM Serviço Pastoral dos Migrantes, 2004. p. 25-26.

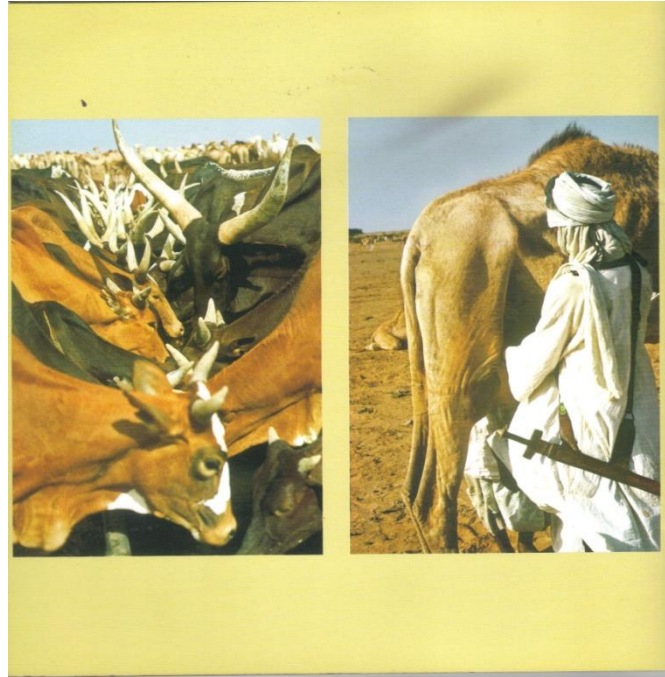
ao “Brexit” – expressão cunhada e atribuída à saída do Reino Unido. Nesse diapasão, não é inimaginável que também saia da União Europeia a Grécia, por exemplo.

Não se trata apenas de perda de coesão dentro de blocos econômicos. Há uma tendência às iniciativas por separatismo. Na África, em 2011, foi caso de separatismo o do Sudão que resultou em haver o Sudão e o Sudão do Sul. Há poucos meses, presenciou-se a Catalunha tentando sua independência em relação à Espanha. O número de países que vem sendo criados tem aumentado, talvez como resposta de um amadurecimento da sociedade civil desses países de outrora. Talvez seja porque tenham vislumbrado no surgimento de um novo país, a existência de algo inédito, distinto do que havia até então. Quiçá por escapatória à austeridade, ao recrudescimento da intolerância religiosa ou política, como ocorreu com Índia e Paquistão. Ou ainda, por graves crises econômico-financeiras.

O que imaginamos ocorrer é que haja um fator catalisador de expulsão de pessoas de seu local de origem, fator catalisador esse que pode ser dividido em dois aspectos. De um lado, sob o ponto de vista do coletivo, o racha e a evasão em blocos econômicos. De outro lado, sob o ponto de vista da ruptura interna de um país a originar outros, também ocorre a migração de um sítio a outro. Enfim, julgamos que ambos os casos sejam deflagradores de fluxo migratório de pessoas em função da convergência de diversos fatores que levem a isso. Não é inimaginável que também tentem independência a região de Flandres em relação à Bélgica; o País Basco em relação à Espanha; a Córsega em relação à França – isso, para ficarmos adstritos somente à Europa.

Veja-se um exemplo de tensão que ocorreu recentemente em outra parte do mundo, a saber, no continente africano, originada em 2012 quando da ocasião da rebelião tuaregue. Os tuaregues constituem um povo nômade e pastoral, formam uma sociedade hierarquizada cuja cultura é transmitida no mais das vezes por perpetuação das tradições orais. Eles deslocam-se pelo norte do continente africano a conduzir seus rebanhos; fazem-no em grupos de famílias e quando montam acampamento escolhem estabelecer-se nos arredores de um poço; adentram o deserto por regiões que correspondem aos países da Argélia, Mali, Níger, Líbia, Chade, Burkina Faso e Nigéria.

Figura 1: Tuaregues do Níger



Fonte: Tuaregues do Níger pelo olhar do Geógrafo Edmond Bernus. Exposição Fotografias de Edmond Bernus de 17 de março a 06 de maio de 2007 na Galeria Neuter Michelin apresentada pela Caixa Cultural Praça da Sé, 111 São Paulo.

A concepção de Estado como o conhecemos hoje não é tão antiga como é remota no tempo, talvez, a prática reiterada de povos nômades no seu hábito de transitarem pelo deserto. Com o advento do Estado Moderno surgem conceitos que vão balizar a realidade dos tempos atuais. É a área delimitadora na qual se consubstancia o território; enfim, o próprio território é a categoria importante da geografia.

O território tem sentido polissêmico: é conceito da geografia e, também, ao mesmo tempo, transcende a geografia para ser tomado como um dos componentes constitutivos do Estado Moderno estudado pela Teoria Geral do Estado. Assim, o Estado tem como pressupostos básicos território, povo, leis e governo próprios, além da soberania (que pode ser resumidamente identificada como a independência nas relações externas).

À determinada altura da História, o território pode ter sido fator inibidor daquele direito consuetudinário de atravessar fronteiras em movimentos de idas e vindas pelo deserto. A origem de tal hábito remonta à época em que o limite político-jurídico entre um e outro país sequer existia. Ou, se já existisse, não era fator de impedimento para esse movimento de pessoas. Então, hoje em dia, não raramente, há casos de atrito entre a Mauritânia e os demais países dela vizinhos, países cuja população é composta por povos tuaregues. O conflito surge por conta da inibição aos tuaregues de andarem pelo deserto. Nesse contexto e tendo como

pano de fundo essa realidade histórica, ocorreu a rebelião tuaregue em 2012, na região saariana do norte da África. Isso desagou em conflitos internos envolvendo a população da região.

Não vamos aqui estudar a motivação da rebelião. Para nós, é suficiente considerar para a análise o fato de que uma das consequências da rebelião reverberou no Brasil. Imigrantes mauritaneses desembarcaram na cidade de São Paulo como fuga da situação existente em seu país. Demos aqui o exemplo de mauritaneses porque sabemos que alguns efetivamente emigraram da Mauritânia para o Brasil e, dentre eles, uns tantos foram acolhidos na cidade de São Paulo, na Casa do Imigrante, pelo Arsenal da Esperança.

Mas também foi caso de a cidade de São Paulo ter recebido imigrantes originários do Mali, do Congo, da Nigéria, de Guiné etc. Tanto assim, que o geógrafo Allan Rodrigo de Campos Silva redigiu o artigo **Imigrantes africanos solicitantes de refúgio na indústria avícola halal brasileira**², consoante uma experiência por ele vivida na ocasião em que se dedicava ao estudo de imigração africana e mobilidade de trabalho. No texto, refere-se à Casa do Imigrante que em 2008 acolheu 5 jovens africanos vindos da Nigéria e de Guiné. Esses rapazes, ao cabo, foram admitidos para trabalhar em empreiteira que certifica a produção de frangos a serem exportados para o mundo islâmico pelos maiores frigoríficos brasileiros.

No primeiro parágrafo deste trabalho, na exposição de motivos em relação ao objeto de estudo escolhido, dissemos tratar-se de um tema analisado sob o ponto de vista de conceitos caros à geografia. Ora, os conceitos da geografia que estão envolvidos na análise são território, povo, população, migração e ecúmeno. Território é o conceito-chave para Geografia Política. Por seu turno, em Geografia da População, essenciais são os conceitos de povo e população. Trataremos da população, mais especificamente da demografia, ao abordarmos a Lei de Malthus e explicá-la de uma forma bem prática. Apontaremos a migração; o ecúmeno. Depois, as leis de migração (que existem para alguns autores e para outros não).

Nossa hipótese é que **ecúmeno** é um conceito binomial, sujeito à observação de dois aspectos, em relação recíproca de um com o outro. Para nós, ecúmeno é algo plástico - o explicaremos ao longo do trabalho.

O estudo não aborda só o norte do continente africano e o Brasil. Vai além. Nossa verificação da realidade é que países como a Irlanda tiveram seu perfil alterado: ela deixou de ser um país de expulsão de população (da Irlanda para a Inglaterra; da Irlanda para os Estados Unidos) para ser país de atração de imigração, como está ocorrendo nos dias atuais em relação aos

² SIIVA, Allan Rodrigo de Campos Silva. **Imigrantes africanos solicitantes de refúgio na indústria avícola halal brasileira**. In: Travessia, Revista do Migrante n° 73. jul - dez 2013. p. 21-30.

brasileiros, aos poloneses etc. O Brasil, receptor de imigrantes em tempos de outrora, hoje tem seus nacionais partindo para os quatro cantos do mundo, sendo que para um desses cantos, o fluxo migratório é significativo: é o fluxo que tem vetor no sentido de Brasil para a Irlanda.

Viu-se acima que ao mesmo tempo em que brasileiros partem, africanos chegam: eles escolheram o Brasil como destino de sua investida na mudança de vida. Chegam do Congo, da Mauritânia, do Mali etc. São fluxos e contrafluxos do processo migratório, ao menos, em relação a uma realidade que nos é próxima.

A metodologia usada foi a análise das leis (lei no sentido amplo: norma geral, impessoal e abstrata). São as leis naturais, a lei de Malthus etc. Ainda como metodologia, o levantamento bibliográfico sob a perspectiva do direito e da geografia; e por fim, a perspectiva histórica.

3. BREVE HISTÓRICO

Uma extensão do Museu do Imigrante, em São Paulo, é a Casa do Imigrante. Pois a sede do Arsenal da Esperança, em São Paulo, está localizada no interior da Casa do Imigrante. Ocorre que o Arsenal da Esperança faz parte de um projeto de acolhida de imigrantes que é muito mais do que uma simples casa de hospedaria, como veremos.

No auge da chegada dos imigrantes para o trabalho na lavoura do café, a maioria deles tinha origem européia (italianos, alemães, espanhóis etc.). No mais das vezes, desembarcavam dos navios no porto de Santos, eram transportados por trem desde o litoral para São Paulo, chegavam à capital e ficavam internados em regime de quarentena em um sítio que corresponde hoje ao Museu do Imigrante. Passado o período de observação nesses quarenta dias, depois de verificadas as condições de saúde dos imigrantes, os aptos a trabalhar partiam para o interior do país. A lida com o produto carro chefe da exportação brasileira - o café - era seus destinos. Hoje, o perfil de acolhida do imigrante mudou completamente.

O Arsenal da Esperança existe como uma iniciativa de jovens de Torino, na Itália, que se empenham em dar sede aos que são rejeitados ao redor do mundo. Também aqui no Brasil, jovens italianos estão entre os que acolhem os imigrantes que chegam ao Brasil.

A população africana que ultimamente chega ao nosso país é significativa; hoje, o número de imigrantes africanos aqui desembarcados supera o número de imigrantes haitianos, que eram os que migravam significativamente quando da ocasião da catástrofe nesse país insular da América.

Quanto aos africanos, eles chegam do Mali, do Congo, da Mauritânia, de Angola, de Moçambique, da Nigéria, de Guiné etc. Migram, seja por problemas de guerras internas em seus países de origem, seja por notícia de algum outro conhecido ou familiar que já se lançou à sorte em terras brasileiras. Uma grande porcentagem deles é acolhida do Arsenal da Esperança.

Os africanos chegam para trabalhar. Porém, para que isso aconteça, devem antes estudar português, fazer cursos técnicos como de: padaria, desenho, encanamento, mecânica, elétrica-eletrônica etc. Almejam lançarem-se em profissões como padeiros, pedreiros, desenhistas, eletricitistas, técnicos em mecânica, eletrônica etc. Muitos deles vão ser artesãos, cantores e artistas (os congoleses, por exemplo, são bem ligados às artes plásticas e à música). Outros deles foram recepcionados pelas indústrias de avicultura, como tivemos a oportunidade de mencionar em texto acima, no caso dos cinco rapazes que trabalharam com o propósito de fornecer as aves dentro do padrão de exportação para países do mundo islâmico.

Já sob o ponto de vista não da emigração para o Brasil, mas da partida de brasileiros mundo afora como consequência da atual crise política e econômica do país, tem-se a imigração de brasileiros para muitos países de língua inglesa. Com o propósito primeiro de aprender ou aperfeiçoar o idioma inglês, brasileiros deixam o Brasil para ter como destino final a Austrália, a Ilha de Malta, a Inglaterra e a Irlanda.

Neste último caso – a Irlanda, o contexto é um pouco diferente porque transcende ao simples estudo da língua. **Os brasileiros ficam para trabalhar.** Por certo que a permanência com o intuito de trabalho vai respeitar a regulamentação imposta para a aquisição de visto e a posterior prorrogação dele. Hoje, em Dublin, a primeira língua mais falada é o inglês, a segunda é o polonês e a terceira é o português: o português proveniente do Brasil. Nossos brasileiros lá são babás, faxineiras, garçons, garçonetes; alguns assumem certa responsabilidade no trabalho: são caixas de supermercado ou de lojas de magazine, são seguranças, vigias etc. Outros são baristas, professores em escola fundamental etc. Geralmente, trabalham em funções e empregos que não exijam qualificação de mão-de-obra ou formação técnica de muitos anos de estudo. A Estrutura Nacional de Qualificações da Irlanda estipula a classificação específica para os diplomas oferecidos por instituições de ensino superior e o faz hierarquizando seis níveis, ao todo.

4. ECÚMENO. POPULAÇÃO. CRESCIMENTO. AUMENTO DEMOGRÁFICO. MIGRAÇÃO.

Algures tratamos do Estado. Ora, o Estado é regulador das condições para a expansão do capitalismo. Concernente aos contrastes do processo de valorização capitalista existe o impasse entre espaço finito e ocupação de novos espaços; entre expansão do ecúmeno e restrição das áreas ocupáveis. Cabe, então, esclarecer o que é ecúmeno.

De um lado, digamos que sob o prisma de um observador externo, o ecúmeno pode ser entendido como as possíveis áreas habitáveis. Por outro lado, com vistas a enfatizar a explicação sob o ponto de vista da relação, o ecúmeno pode ser percebido como o *habitat* do ser humano. O nosso objetivo aqui é lidar com os dois lados e encaminhar o raciocínio para entender o que as migrações têm a ver com o ecúmeno.

Ora, para haver migração, tem que se mostrar a mobilidade do ecúmeno. Ou em outras palavras, se o homem fosse obrigado a resignar-se ao sítio no qual nasceu e desse rincão de terra tivesse obrigatoriamente de extrair o seu sustento, não haveria migração; tampouco haveria mobilidade do ecúmeno. Isso quer dizer que haveria, sim, um engessamento geral a coibir iniciativas de deslocamento de gentes em busca de condições de vida, de trabalho.

Somos partidários da corrente que acredita haver uma lei singela: aquela que explica o impulso das **migrações em função da busca de trabalho**. O tema é fascinante porque está permeado por entendimentos que ou acolhem ou refutam a existência de leis a discipliná-lo.

A primeira das leis é a de Malthus³ que traz embutida em si a ideia de uma superioridade de uns em relação a outros, talvez menos em função da divisão do trabalho e mais em função do proveito do que dela possa resultar, do desfrute do produto do trabalho, do rendimento que disso decorra: avareza ou prodigalidade. Simploriamente a explicando, a lei malthusiana, tem-se antes de mais nada que o alimento é necessário à existência do homem. Em segundo lugar, é verificável que haja paixão entre os sexos. O produto da paixão entre o sexo masculino e o sexo feminino desemboca na consequência de que a mulher engravide. Assim, é inevitável que a população aumente mais e mais, conforme haja mais e mais pessoas a viver sobre a terra. Vivendo e se reproduzindo. Quanto maior o número de pessoas nascendo (aumento demográfico), maior será o número de bocas a comer (aí, nisso inserido está o embate entre a proporcionalidade da demanda por comida – grande; e a oferta de gêneros alimentícios – pequena). O postulado de Malthus é que a população cresce consoante uma razão exponencial (progressão geométrica) enquanto que a produção de alimentos evolue conforme uma razão linear (progressão aritmética). O meio de subsistência é equacionado de maneira que a

³ MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre a população**. Trad. Regis de Castro Andrade, Dinah de Abreu Azevedo e Antonio Alves Cury. Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.

avareza leva à riqueza. E a prodigalidade, à miséria. Ou ainda, para Malthus: miséria e vício – eis aí a desigualdade natural!

Dois outros autores criam um embate em torno da afirmação ou negação de leis, agora sobre o tema das migrações. São eles Ravenstein e Willian Fart ⁴. Para este último, a migração parece ocorrer sem lei definida. Já o primeiro, discorda de que não haja lei: ora, o que explica a existência de migrações é o trabalho. Assim, migração tem lei, o deslocamento em função do trabalho.

Dentre os subitens existentes no texto de Ravenstein, um deles é dedicado ao Irlandês na Grã-Bretanha. O autor o faz no subitem 2.1.5 de **As leis da migração**. Ora, não se perca de vista que a Irlanda foi durante muito tempo e em épocas diferentes, um país característico de migração de seus nacionais em direção a países tanto próximos de sua região na Grã-Bretanha, quanto a outros mais longínquos, como os Estados Unidos. Ravenstein demonstra que a saída de irlandeses da Irlanda com destino a Grã-Bretanha, como um todo, intensificou-se a partir de 1871, sendo considerável o número de casos dos que passaram a residir permanentemente no Reino Unido.

No que concerne à Lei de Ravenstein, há de se ter em mente que seu estudo ficou circunscrito à região da ilha da Irlanda e o Reino Unido. Ora, aponta ele, o local de residência do indivíduo é registrado periodicamente nos recenseamentos. Ao inquirir sobre os motivos que levaram as pessoas a abandonar seus lares para migrarem a outros sítios, a resposta à pergunta estará associada à busca de trabalhos mais remuneradores e atraentes dos que os possíveis nos locais de nascimento. Mas Ravenstein não explica o que é trabalho, tampouco explica porque na Europa houve tantos fluxos migratórios. Por derradeiro, o autor não se posiciona contra a migração: ele é a favor dela, pois se trata de algo natural, é uma lei natural. Mulheres migravam e procuravam locais para o trabalho em indústria têxtil; os homens, por seu turno, para trabalho em mineração de carvão e ferro. Ele entende o território como ideia de harmonia nas formas de relações sociais. A migração corrige o desequilíbrio nas relações de trabalho, arruma os desajustes naturais do desenvolvimento.

Se em Ravenstein há o equilíbrio, em Paul Singer haverá justamente o oposto: o desequilíbrio – a industrialização e o que vem decorrente dela é o desequilíbrio. A migração, em Singer, não traz em si nada que remeta à lei natural. Nada. E a partir daí, o autor faz as amarrações:

⁴ RAVENSTEIN, Ernst George ([1885]-1980). **As leis da migração**. In: MOURA, Hélio (org.). Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise. Tomo 1: 19-88. Fortaleza: BNB.

industrialização; capitalismo, desenvolvimento regional, mercado de trabalho e migração⁵.

Migração é mero mecanismo de redistribuição espacial da população que se adapta, em última análise, **ao rearranjo espacial das atividades econômicas**.

Talvez esteja no saudoso Singer a resposta do que ocorre hoje em relação ao fenômeno Brasil-Irlanda, quando ele fala dos fatores de expulsão que levam às migrações como sendo de duas ordens de grandeza: os fatores de mudança (introdução de relações de produção capitalistas) e os fatores de estagnação (crescente pressão populacional). Ora, se por um lado a crise tanto política, quanto econômica ocorrida no Brasil levou a aflorar os fatores de estagnação e consequentemente causou transferência de pessoas daqui para o exterior; por outro lado, a Irlanda vem recebendo incentivos financeiros da União Europeia que justificam investimentos em diversas áreas (intensificação de relações de produção capitalistas). É o caso da cidade do sul da Irlanda, Cork, que mais parece um canteiro de obras. Há, nisso tudo, um fator de mudança.

Já quanto aos países da África e o Brasil, alguns países africanos também passaram por estagnação. E o fluxo de africanos para o Brasil se justifica à medida em que haja uma certa intensificação de relações de produção capitalistas no Brasil, o que atrai mão-de-obra. O motor da mudança se baseia, um pouco, em não deixar os recursos desempregados (o que é bem típico das relações de produção capitalistas). Como tudo está ocorrendo ao mesmo tempo: investimento na Irlanda, estagnação na África e Brasil, mas também de certa forma algum incentivo no Brasil mais atrativo do que na África; enfim, o Brasil acaba por receber imigrantes africanos simultaneamente ao que perde de nacionais para a Irlanda. Para Singer, nem sempre o migrante possui as qualificações necessárias ou a bagagem cultural exigida por novos empreendimentos. Porém, nem por isso fica inibido diante dessa sua condição e ainda assim parte para o mercado de trabalho.

Voltando ao assunto do ecúmeno, o autor que verdadeiramente se debruça sobre migrações e mobilidade do ecúmeno é Max Sorre⁶. Para Sorre, ecúmeno tem origem nos gregos (oekoumène). Abarca dois elementos: a ideia de um espaço terrestre com seus limites e a ideia de ocupação pelo homem, o que implica fixação, estabilidade, arraigamento ao solo. Então, para Sorre, o ecúmeno não é somente o local em si, mas também o que ele pode oferecer. É o *habitat*. Anunciamos, algures, que ecúmeno tinha um duplo sentido, uma plasticidade. Nossa hipótese é que **ecúmeno** é um conceito binomial, sujeito à observação de dois aspectos, em

⁵ SINGER, Paul Israel. **Migrações internas**: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: Economia política da urbanização. São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1975 (1 ed. 1973). p.29-60.

⁶ SORRE, Max. **Migrations et mobilité de l'oekoumène**. In: *Les migrations des peuples*. Trad. por Januário Francisco Megale. Paris, Flammarion, 1955. Parte I, cap. I, p. 9-27.

relação recíproca de um com o outro. Para nós, ecúmeno é algo plástico. O binômio tem fundamento em Max Sorre: 1) é o espaço físico terrestre delimitado; mas é também, 2) a relação dele com o homem: o *habit*. É plástico, porque se molda consoante às necessidades do homem.

E o genial dessa dupla percepção do ecúmeno, tanto física (pode-se dizer, *da geografia física*), quanto humana (pode-se dizer, *da geografia humana*) está na explicação dada por Sorre: os relevos podem-nos parecer algo imóvel; mas não o são, posto que se degradam e se transformam insensivelmente sob os olhos humanos. Ora, o ecúmeno é agitado por movimentos de grande diversidade: até mesmo as sociedades rurais, com todo o seu arraigamento, não estão em repouso. Assim que o seu crescimento natural exceda os recursos, elas expõem o excedente de população. É o fator de estagnação de Singer, a forte pressão populacional quando os recursos estejam saturados. Em segundo lugar, seria impossível a concepção do ecúmeno se não se levasse em conta um recurso que constantemente atua sobre ele, a lhe formar a trama: as migrações, desde longa data. Portanto, aí está a explicação na qual Sorre relaciona o ecúmeno à migração. E como um interfere no outro, reciprocamente.

5. CONCLUSÃO

Nesse movimento de africanos chegando ao Brasil e de brasileiros partindo para a Irlanda constituiu-se um processo migratório de fluxos e contrafluxos que traz agregado a si as características de novidade:

- 1) A Irlanda como pólo receptor de imigrantes (e não mais como pólo expulsor de contingente de pessoas);
- 2) Grande quantidade de brasileiros que decidem como país destino de imigração a Irlanda (o que em tempos remotos era país preterido na escolha brasileira, se considerarmos a força atrativa de outros como Estados Unidos e Japão);
- 3) Sob o ponto de vista não dos que partem, mas dos que chegam, o perfil do africano que hoje entra no Brasil é bem distinto do que chegou outrora.